



***Paisagens Instáveis*, 2008, intervenção no Torreão, em Porto Alegre**

R&M: *Paisagens Instáveis* conta com o "imponderável" em sua realização. Essa instabilidade questiona nossa visão e consciência da universalidade da paisagem, daquilo que pode ser reconhecido, sem, contudo, privar o observador de sua liberdade e da beleza da obra. Quais as consequências destes trabalhos em sua produção posterior?

Elder Rocha: Cada segmento da obra se revela como um "passo". É a consequência dos vários "passos" anteriores e a fundação do próximo. O trabalho mostrado aqui na capa desta revista foi o último desta série intitulada *Paisagens Instáveis* e o único que se relacionou não somente com o espaço arquitetônico em que está construído, mas também com outros significados deste espaço. A série em questão é o resultado final de uma pesquisa sobre a paisagem e a pintura.

R&M: A partir de sua experiência como elemento norteador, quais as dificuldades de um artista contemporâneo em produzir intervenções/alterações em espaços museológicos convencionais ou alternativos. Há diferenças consistentes?

E.R.: Toda exposição é uma alteração no espaço expositivo e não consigo perceber diferenças entre espaços museológicos tradicionais ou alternativos



para meu trabalho. Talvez, porque raramente os significados simbólicos do espaço expositivo sejam discutidos na minha obra. Tento construir trabalhos que discutam sua própria ordem interna e a história da representação pictórica.

R&M: Em sua opinião, para além das precariedades corriqueiras, o que falta aos museus brasileiros de arte para um relacionamento mais profissional com os artistas brasileiros?

E.R.: Uma ação importante seria a implantação de um pró-labore habitual para os artistas. Isto seria muito eficiente para a manutenção da pesquisa do artista e facilitaria a produção de obras não permanentes, ou que não possuam possibilidade de comercialização, situações que abrangem significativa parte da produção contemporânea. Acho muito perturbador que todos os profissionais envolvidos em uma exposição sejam pagos pelo seu trabalho e os artistas que geraram este trabalho raramente o sejam.

R&M: Muitos artistas contemporâneos tem se posicionado contrários ao atual sistema curatorial, qual a sua relação com os curadores?

E.R.: Os curadores são parte do sistema da arte e gosto de pensar na arte como uma construção coletiva pela qual todos os participantes do sistema são responsáveis, ideia sugerida por Anne Cauquelin. Parece-me óbvia a necessidade de curadores e também da existência e fomento de iniciativas independentes para a produção e mostra de arte. Assim poderemos ver a arte dos nossos dias de forma abrangente e mais adequada à realidade plural da arte contemporânea.



Elder Rocha nasceu em Goiânia em 1961 e mora em Brasília desde 1972. Licenciado em Artes Visuais pela UnB, Brasília e Mestre em pintura pelo *Chelsea College of Art And Design*, Londres. É professor de Artes Visuais na Universidade de Brasília desde 1993. Mostra sua produção regularmente em exposições individuais e coletivas desde 1981. www.elderrocha.com.

